

Boletim

O Gabelense

ano v – nº 10 | junho 2002

encontro anual mogofores 2002

crônicas da minha terra
o manuel faztudo

quantos somos?

a direcção

Sabemos quem somos, mas não quantos somos e onde estamos...

Os nossos registos começam a ficar desactualizados e nem sempre podemos satisfazer as solicitações que nos são enviadas sobre o paradeiro de pessoas, cujos pedidos, por vezes, nos são dirigidos por telefone e/ou por escrito.

Por mudança de moradas que não nos são comunicadas, também nos são devolvidos os boletins que, semestralmente, enviamos a todos os gabelenses, que constam das nossas

listagens. Cerca de 600 pessoas, que se traduz num universo de cerca de 1800, considerando cada núcleo familiar pelo menos de três pessoas - pai, mãe e filho.

Também a afluência aos nossos encontros tem diminuído, volvidos que são mais de 25 anos que os gabelenses se reúnem.

Por isso, o nosso apelo para aqueles que deixaram de receber o Boletim, que nos contactem se estiverem interessados na sua recepção.

Sempre que mudarem de residência não se esqueçam de nos comunicar.

O vosso contacto será também precioso se quiserem colaborar com artigos e/ou material - contos, fotografia e outros - a publicar no nosso Boletim.

É indispensável que continuemos a editar o Boletim - único elo de ligação que nos vai mantendo próximos e unidos.

Quantos somos? O que fazemos? Onde estamos?

Digam-nos!

Os Gabelenses - Rua Américo Durão,
16 - 7º - 1900-064 LISBOA 

índice

editorial	página 2
ai ué angola aquele abraço	página 3
quando um homem se põe a pensar	página 4
coisas que não se esquecem	página 5
o homem, o bicho e a caça	página 7
crónicas da minha terra	página 8
rossio também é encontro	página 19
o meu amigo jorge	página 20
o chefe alves	página 21
mogofores 2002	página 22
humor aos pedaços	página 27

ficha técnica

propriedade

Associação dos Naturais ex-Residentes e Amigos da Gabela
Rua Américo Durão, lote 16 - 7º C
1900 LISBOA
Telefone: 21 848 23 23

redacção

Todos os Gabelenses

composição gráfica

Elsa de Almeida

impressão

Tipolito - Gráfica Regional, Lda.

periodicidade

Semestral

quando um homem se põe a pensar

Luís de Sousa

Quando um Homem se põe a pensar e pensa que pensa, pensa. E pensa que os mais fortes sempre sobrepuseram a ética dos interesses à ética dos valores como sendo a inevitável lei do mais possante no competitivo e intrincado jogo da sobrevivência.

No auge do desespero da luta competitiva pela comida, pelo sexo e pelo espaço de que careciam, os mais fracos, sem alternativa, entraram em fuga rumo às catacumbas e foram-se escudando na ética dos valores que, entrementes, astuta e habilmente haviam engendrado em sua defesa.

Ardilosamente por aqui, adentro da sacrossanta doutrina que a todos pede amor, paz, benevolência, verdade, coerência, justiça, liberdade, igualmente, fraternidade, os mais fracos lograram enganar os mais fortes chamando-os, no seguimento destas mesmas vias, à razão e ao coração e convencendo-os de que os enunciados caminhos, aliás, revelados pelo Senhor, são dirigidos também à dramática dirimência das questões sociais que opõem ricos a pobres e vice-versa.

E que... de resto, é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico, um possante, entrar no reino dos céus.

No momento seguinte, os mais fortes,

ao descobrirem o logro em que haviam caído e que os transformara de fortes em fracos, acabaram - no jeito igual ao dos fracos, isto é, no uso da astúcia e da habilidade, posto que, enfim, haviam deixado de ser fortes - por se apossar e brandir, agora como arma sua, a ética dos valores e, como ela, camuflar, igualmente com ardil, os seus mais ilegítimos e hediondos desígnios, escabrosos, mal confessados interesses e, desta feita - como que virado o feitiço contra o feiticeiro - passaram os fracos a serem enganados e dominados por aquela mesma ética tão subtilmente engendrada, postando-se, por fim, todos eles, aliás, como convém, alinhados e em sentido, certinhos, sossegadinhos, caladinhos, juntinhos e arrumados sob a pata possante da besta que os esmaga se arrebitam cabelo.

Questione-se, qual Francesco Alberoni, a páginas 22 do seu livro "Valores", da Bertrand Editora:

"A moral que nos pede amor, paz e benevolência é uma piedosa ilusão, um delírio para fugir ao sofrimento? Uma moral que, por sorte, não seguimos, que não levamos a sério, porque significaria a nossa condenação num mundo em que se impõe e só vencem a astúcia, a luta, a violência e o erro?"

Moral da história:

A moral que seja, como sempre tem sido e para todo o sempre onde quer que seja: para os outros que não para mim. É que, afinal, a lógica é a do eu... Eu, eu e só eu! O resto é tudo relações e nada mais do que relações. Que fiquem, pois, com o imperativo categórico kantiano e que com ele se amanhem. Que se lixem! Não me chateiem! 

mogofores 2002 encontro anual

APELAMOS À PRESENÇA DE TODOS

VENHAM E TRAGAM UM AMIGO

É DIA DE FESTA PARA TODOS OS GABELENSES

coisas que não se esquecem



artur neto gonçalves

Este ano, mais uma vez, estive presente na reunião-convívio anual dos Gabelenses que todos os anos, desde há muitos, se realiza em Mogoforos. Cheguei à conclusão de que todos os anos aparecem caras novas – refiro-me aos ex-alunos e ex-alunas do Liceu e da Escola Técnica. Por isso, é sempre uma surpresa agradável podermos voltar a ver esses jovens que hoje andam pela casa dos 40 e tais, alguns já chefes de família e todos e todas pessoas dignas do maior respeito..

Toda a gente sabe as condições em que os ex-residentes em Angola se viram, depois que Portugal, isto é, o Governo pós vinte cinco e as Forças Armadas resolveram abandonar Angola. 'Abandonar' é força de expressão porque, na verdade, aquilo não foi um abandono, foi uma retirada em fuga apressada sem armas nem

bagagens. Para cúmulo, repare-se que em Março de 1975 foram mandados regressar a Portugal todos os tropas, pelo menos os que se encontravam no interior, na região do Bié, onde eu me encontrava na altura e presumo que o mesmo tenha acontecido nas outras regiões. E os residentes, uma vez entregues a si próprios no meio de tanta irresponsabilidade governativa angolana, abandonados e perseguidos no seu próprio país, tiveram que vir para Portugal de mãos a abanar, depois de tantos anos de permanência numa terra em que sempre julgaram pertencer-lhes por direito.

No espaço de poucos meses, o país ficou aumentado em mais um milhão de pessoas quase entregues à sua sorte. Valeram-se muitos de familiares que tinham aqui, outros de pequenas

ajudas. Mas, sobretudo, souberam encontrar forças para resistirem a toda a sorte de contrariedades, para conseguirem levar uma vida digna. Para refazerem suas vidas tiveram que lançar mão das suas capacidades de trabalho e da sua confiança em melhores dias. Entretanto, o tempo foi passando e cada um teve que se haver o melhor que pôde.

E hoje, passados mais de duas décadas sobre o acontecido, sabemos que muitos dos 're-voltados' no impropriamente duplo sentido de 'voltados de novo' (é o infeliz e pejorativo significado do epíteto inventado - «retornado») e revoltados, desse tempo de má memória - de Angola se encontram em lugares de chefia, fazem parte dos quadros superiores de muitas empresas e outros prosperam em situação de riqueza e de conforto.



Pois no encontro de Mogofores deste ano, tive o prazer de encontrar alguns meus ex-alunos que já tinham estado em encontros anteriores e outros que não via desde 1974, portanto, há 26 anos. E, sem querer excluir outros, aprez-me registar a presença do José Rodrigues Mesquita, vulgo, Mesquita. A história dele é muito parecida com a de muitos outros – toda cheia de lutas pela vida. Até que acabou por ir parar à Suíça onde reside com a mulher e os filhos. Fiquei satisfeito por saber que se encontra numa boa situação económica e, por isso, não pensa regressar a Portugal.

Mas o que mais me comoveu foi a relação que quis estabelecer comigo – ele que nunca mais me viu desde os bancos do Liceu, em 1974. Notei que a semente que tínhamos semeado naquele jovem germinou e desenvolveu-se auspiciosamente.

Mantinha um fogo aceso de lembranças e de vivências gratas desse tempo longínquo. Quer dizer: o tempo, em vez de apagar da memória esse tempo veio avivá-lo e vi nele uma expressão de alegria e contentamento por voltar a ver-me. Perdoem-me esta maneira de falar mas não posso calá-la porque ela é muito significativa. O mesmo raciocínio se pode fazer, aliás, de todos os restantes ex-alunos e já tive acasião de o afirmar em artigos anteriores.

O convívio não foi tão fugaz como isso, porque tive o gosto de almoçar na mesa dele e dos seus familiares e amigos. E durante todo o tempo do encontro andámos sempre juntos ou muito por perto um do outro.

No dia seguinte, fez questão em oferecer-me a mim e a um grupo restrito de ex-colegas, um jantar num restaurante de Lisboa. Como se tal

não bastasse, ofereceu-me a sua casa em Genève, onde vive.

E mais: disse que combinássemos um encontro com ex-colegas, que ele viria de propósito - como, aliás, tinha vindo para o encontro de Mogofores.

Confesso que me sinto muito honrado e, de certo modo, orgulhoso, com gestos como este. Isto talvez consiga apagar da minha memória alguns casos menos gratificantes, enquanto exerci o cargo de Reitor do Liceu Nacional Pedro Alexandrino da Cunha.

Pareceu-me estar diante de uma pessoa simples, modesta, nada presumida, amiga e reconhecida.

Por tudo isso, eu é que me sinto grato e honrado por saber que muito ficou de estimável e grandioso do pouco que consegui insuflar na alma destes jovens cuja figura de moços e meninos ainda conservo, de modo retratado, bem nítida, no fundo da minha memória. 

o homem, o bicho e a caça

agostinho fonseca

Muito pouca gente se lembrará de mim e muito possivelmente, muito menos se recordarão que sou bastante louco pela caça, a verdade é que o sou e não há nada a fazer.

Por vezes paro e tento pensar, “que mal me fizeram os bichinhos” para eu pegar num farolim e numa arma e, cobardemente, após os praticamente cegar com a intensidade da luz, tirando-lhe todas as defesas normais, atirara-lhes com uma bala ou meia dúzia de zagalotes, ceifando-lhes assim a vida.

É claro que umas quantas vezes, sabe-se lá porquê, vai a bala ou os zagalotes e vai também o bichinho mas, como a culpa morreu solteira, há sempre algo como desculpa, o cartucho não estava bem atacado, se calhar alguém me mexeu na mira da arma ou, quando ia a primir o gatilho, espirrei. Enfim, um bom caçador não falha, o equipamento é que nem sempre é o melhor.

Se há bichinhos que gosto de caçar, os coelhos ou as lebres são os meus favoritos, não pelo tamanho mas sim pela maneira como se movem e, quando assustados, o modo como fogem, um salto para a esquerda, dois para a direita e por norma sempre aos “esses,” sei lá, puramente encantadores.

Em Angola, por desconhecimento, atirava às lebres com a caçadeira, aqui em Moçambique abriram-me os olhos, para quê gastar um cartucho tão forte e tão caro num bichinho tão frágil? Um chumbo de pressão de ar na cabeça ou

no tórax faz o mesmo efeito e não se estraga o animal.

Aí em Portugal nunca caçei, existem demasiados caçadores e muito poucos coelhos, no entanto, há um coelho que não me escapava, mas para esse, não poderia ser com caçadeira nem com pressão de ar, teria de ser com um canhão que disparasse tomates com três quilos e se possível equipado com mira telescópica para que não falhasse, senão vejamos:

– Na administração interna, além de muito ter falado, o que de palpável conseguiu fazer? Muito pouco, isto para não ser extremista.

– Não satisfeito com a obra do anterior mandato, sabedor de que as obras públicas e equipamento social o poderiam catapultar para novos voos, não hesitou e a lengalenga continuou, falou mal de tudo e todos, prometendo aos pacatos cidadãos “tão bem mal governados”, tudo o de melhor, ele eram os caminhos de ferro, ele eram as estradas e as auto-estradas, ele era a TAP, a TAP era prioritária, tinha de se resolver de uma vez por todas o problema da TAP, o problema da TAP já está resolvido, os Suíços já mandaram dinheiro e até já centralizaram todo o sistema informático, estamos no bom caminho e desta já nos vimos livres. É claro que se esqueceu de dar determinada inclinação à arma e, quando disparou, o projectil caiu-lhe em cima mas, não há problemas, está tudo sob controle, nada foi delapidado, até ficamos com um

administrador Brasileiro, está tudo bem e recomendamos-nos.

– Esqueceu-se também que, por vezes, não acontece só aos outros e que o São Pedro nem sempre está na disposição de pôr a capinha sobre Portugal, o inverno passado foi o que sabemos e também sabemos em que estado ficou o país, disso Ele não teve culpa, mas, com a tragédia de Entre-Os-Rios, mostrou o quanto valia, **SOU O RESPONSÁVEL POLÍTICO POR TUDO O QUE ACONTECEU, ASSUMO TODAS AS RESPONSABILIDADES POLITICAS E DEMITO-ME, JÁ NÃO SOU MINISTRO** e, ponto final.

Com o acabar do Ministro, acabaram-se os problemas da TAP, “isto para ele, bem entendido”. Também se lhe acabaram todos os restantes problemas, “caminhos de ferro, estradas, auto-estradas, aeroporto e até as pontes” e foi recebido no seio das “ROSAS” como o salvador de sei lá o quê. Uma coisa é certa, continua anafadinho, “na maior”, e a receber uns trocaditos daqueles que, com as suas modestas e, “voluntárias ou involuntárias” contribuições, para ele vão, “voluntária ou involuntariamente”, enviando.

Agora digam-me por favor, “não participariam com uns troquitos para o canhão e para os tomates”? Uma coisa Vos garanto, mesmo sem a vossa contribuição, desde que tivesse tomates, mesmo à mão, esse coelho não me escaparia.

Aquele abraço para todos. 

figuras típicas

manuel faztudo

Luís de Sousa

Requerimentos ora para aqui ora para ali: para a Administração do Concelho — onde pontificava o Santareno coadjuvado pelo Pratas irmão da Natália, a Natália que trabalhou no Hospital, da Crisanta, mulher do Leopoldino Simões Alexandre, da Zaida, do Danilo; requerimentos para aquela Administração do Concelho onde, como ia dizendo, pontificava o Santareno, pai do Zeca Santareno (engenheiro agrónomo), da Maria Antónia, da Maria Fernanda, do Rui (engenheiro civil), da Carocha - a queixar-se, por conta e risco de algum dos seus clientes mais afoitos, dos cipaios Pompeu e Fernando, quando não mesmo dos excessos dos Aspirantes Baptista e Quinteiras; requerimentos para os Correios de que era chefe, ao tempo, o Torrinha, pai da simpática Elisa Torrinha, de quem me lembro de ter sido colega, penso mesmo, se a memória não me traiçoa, que companheiro de carteira na vetusta Escola Primária, n.º 66, de Augusto Gil, situada ao lado, ali, perto da Administração do Concelho onde os Administradores, os Secretários e também os Aspirantes Administrativos - todos eles designados indistintamente por caputos pelos pretos mais humildes (era assim: o caputo mandou chamar!) - tinham o estatuto e proveito de verdadeiros “reizinhos”, tal como acontecia mais além, nos Postos

Administrativos, com os Chefes de Posto, intitulados Administradores de Posto já em tempos muito mais avançados.

Naquela Escola Primária... Voltemos a ela: revoadas e revoadas de crianças gabelenses por lá passaram, sempre vigiadas e guardadas com desvelo e carinho, durante tempos sem fim, pelo Manuel Contínuo - vi-o, da última vez, desgastado, já velhinho, “... quase cego coitadinho e já mal podendo andar...”, assim mesmo, em paráfrase do que nos nossos livros de então dizia tão bem e saudosamente o poeta.

Do Manuel Contínuo, daquele bom e distinto negro, contínuo da Escola, que o digam, de entre muitos outros, o Zeca Santareno, o Mário Afonso (médico), o Luís José (sociólogo e embaixador de Angola algures), o António Augusto (economista e quadro superior de uma instituição bancária), estes três últimos, filhos do médico Dr. Martins de Almeida, suponho que o primeiro médico privado de clínica geral da Gabela, seguido do Dr. Dinis da Gama e tempos depois do Dr. Rosa e, por último, do Dr. Guimarães, concunhado de uma das senhoras mais primorosas no trato que conheci e que, por isso mesmo, aqui me apraz referir: a Dr^ª Maria Teresa, farmacêutica e dona da Farmácia Amboim, coadjuvada no seu múnus pelo Técnico de Farmácia, Moreira, homem de bondade e delicadeza ímpares que veio a ser dono

da primeira, no verdadeiro sentido do termo, drogaria da Gabela, ali próximo do Branco. O Branco, dotado de simpatia única, fotógrafo de qualidade invulgar.

Dos médicos oficiais, dos Delegados de Saúde daquele passado longínquo, lembro-me, de modo muito vago - mais propriamente de ouvir falar do que de o conhecer - do Dr. Parma Pinheiro, talvez o primeiro Delegado de Saúde da Gabela, de quem o meu Pai, David de Sousa, era amigo de modo particular e que muito admirava.

E o curioso é que o meu Pai não era homem para se deixar impressionar facilmente pelas pessoas, fossem elas quem fossem...

Meu Pai, um dos primeiros e mais antigos, dos mais velhos comerciantes da Gabela, inicialmente dono do talho, não sei se pouco ou muito antes de o ser o Figueiredo do Talho, pai do Artur, do André, do Gordo, do Fausto, do Nuno e do Totas. Dos seis referidos filhos do Figueiredo do Talho aconteceu que o André e o Totas vieram a casar-se, respectivamente, o primeiro com a Rita e o segundo com a Teresinha, ambas filhas do António Couto, irmão do Manuel Esteireiro Couto que chegou a ser dono do Bar-Central onde habitualmente eram vistos a confraternizar, em grupo e ao fim da tarde, o Martinho Salóio, o David da Londrina, o Zé do Talho, o Velez barbeiro e o seu irmão, de nome

Velhinho e, por vezes, o Castro, o Castro da São Miguel, o dono da Roça São Miguel, pai dos irmãos Castros, engenheiros com empreendimentos de construção civil em Aveiro e fábrica de confecções em Cabo-Verde como o boletim “O Gabelesense” o tem noticiado.

O meu Pai, que chegou a ser vice-presidente da Associação Comercial e Industrial do Amboim e “terror” dos funcionáreos públicos menos diligentes, menos capazes e mais prepotentes das Repartições Públicas da Gabela, vice-presidente exactamente daquela Associação Comercial ali, ao lado da Farmácia Lusa, farmácia da qual, ao que suponho, o Albano Ferreira terá sido o primeiro Director Técnico, se não mesmo, como creio, seu dono.

Albano Ferreira... Homem sempre encrespado, de trato difícil, se bem que nada peço. Não sei exactamente se seria ou não licenciado em farmácia: talvez sim, talvez não, mas, seguramente, já o era o Dr. Mora, farmacêutico que o substituiu, alguns bons anos depois, naquela mesma farmácia vendida à empresa farmacêutica de Luanda, a Dantas & Vaiadas, Lda. e onde trabalhou, como Técnico de Farmácia, o Trindade, grande entusiasta e um dos fortes animadores do futebol no ARA (Associação Recreativa e Desportiva do Amboim).

Desta associação recreativa e desportiva veio a ser Presidente - depois do Luís Vieira de Matos, homem ilustre e de figura distinta, dono da roça Boa Altura, ali ao lado da C.A.D.A. (Companhia Angolana de Agricultura) -

o médico e Delegado de Saúde, Dr. Prazeres de Sã (“construtor” da sede, do edifício do A.R.A.) de quem era notoriamente amigo o Vítor Castanheira conhecido, quando mais tarde se fixou na cidade de Luanda, agora dono do residencial “Katekero”, como “cônsul da Gabela”, posto que, dele, na capital, todos os gabelesenses se socorriam dada a sua enorme popularidade e grande influência nos mais diferentes meios de decisão económica e administrativa de Angola.

O Vítor Castanheira, ainda na Gabela, foi, anos a fio, gerente do Rocha & Coelho - sociedade comercial que teve como empregados, de entre outros, o simpaticíssimo Rochita (casou-se com a Fernanda, filha do Secretário de Fazenda, José Alves da Costa Pina, pai do Raúl, do Jorge, da Marina, da Luísa, padrao do Hélio e do João Favas) e o Ribeiro do Quipingo, sendo este homem de qualidades e inteligência apreciáveis; do mesmo modo e pelo Rocha & Coelho passou o Velado, exímio tocador de saxofone - o Vítor Castanheira, como dizíamos, foi, para além de gerente do Rocha & Coelho, dono do estabelecimento comercial denominado “Casa Arganiil”, sem nos esquecermos da tabacaria “Varetá” que também lhe pertenceu, tabacaria esta que, sendo uma das mais importantes “salas de visita” da Gabela na consideração de que muitíssima gente por ali parava, sobretudo ao findar da tarde, passou depois a ser propriedade do João Lambelho Vaz.

E a C.A.D.A.... Vestida do copioso verde dos cafeeiros e das árvores de sombreamento; alindada com a

brancura do manto alvo e fresco das mimosas flores do café com o seu aroma inebriante que lhe emprestava um perfume “sui generis”, um perfume único; instalada principescamente, ali, na Boa Entrada, lindíssima e modelar roça erigida como povoação, como que um pequeno Estado dentro de outro Estado, de fazer inveja à própria Gabela e da qual distanciava apenas escassos oito quilómetros; reduto de monárquicos que ocupavam os lugares de chefia sob a “batuta” implacável e de nuances salomónicas do seu Director, Gaspar da Cunha e Lima, homem notável, extraordinário em aprumo e capacidade de liderança, ao que constava ex-capitão dos exércitos monárquicos no tempo das lutas da implantação da república em Portugal Continental, na Metrópole, no Puto; com ruas asfaltadas, água canalizada, luz eléctrica, rede de saneamento básico, belíssimas vivendas magnificamente ajardinadas para os empregados sobretudo com funções de chefia; igreja, hospital, clube e equipa de futebol onde se destacaram os irmãos Sambianos: o Zé e o Fernando; refeitório para quem dele se quisesse utilizar, designadamente para os funcionários solteiros; cinema, cortes de ténis, piscina, biblioteca, escolas e bairros para os trabalhadores nativos que, por todas as suas roças, que eram inúmeras, se contavam aos milhares; o estupendo e exemplar Colégio-internato S. João de Brito destinado aos filhos dos empregados não negros e dirigido com saber invulgar pelo Padre Freire, natural de Viana do Castelo, homem de excepcional dinamismo que, antes, fundara, na Gabela, o Colégio Rainha

Santa, lá em cima, na Sétima... E Sétima porque - há muitos anos atrás, não sei se no início da ocupação da região do Amboim, talvez no tempo do militar Dr. José Mana de Aguiar, não sei se médico mas que sempre ouvi dizer ser o fundador da Gabela, ou, quiçá, no tempo da revolta Amboim/Seles (não sei muito bem o que terá sido esta revolta e por que razão os pretos, naquele tempo, se terão sublevado) - ali estivera instalada a 7.ª Companhia Militar.

Mas ... Tornemos ao Albano Ferreira, o homem da Farmácia Lusa. Se do que sei dele nem tudo é muito seguro, o que sei sem sombra de dúvida é que o Albano Ferreira foi o “construtor”, lá em baixo, no vale do Mazungue, do lugar paradisíaco de que tão bem me lembro e que, ao tempo, era de “visita obrigatória” aos domingos para muita gente da Gabela.

Aquele lugar paradisíaco, sereno, calmo, onde se ouvia o silêncio... Silêncio apenas de quando em quando cortado pelo pio das aves e pelo sibilar do vento suave e ameno. Lugar de paz total, conhecido como sendo as turbinas do Albano Ferreira - onde eram carregadas as baterias, acumuladores eléctricos, para os carros e para as telefonias - ou, de modo abreviado, o Albano Ferreira. Era assim, “- Vamos ali ao Albano Ferreira!...”: de canteiros e canteiros muito bem tratados, com hortas e flores deslumbrantes; com pequenos diques e pequenas comportas regulando as águas do rio Mazungue em proveito das hortas, jardins, galinheiros e coelheiras no lugar implantados e construídos a

alvenaria com cobertura de telha e aonde, nós, rapazitos, íamos apanhar amoras silvestres, pescar bagres e, com fisgas, caçar colibris. Ali, onde havia urnas borracheiras das quais, em brincadeiras de criança, extraíamos, de incisões nos troncos, látex para fazer bolas e bolinhas de borracha maciça; ali onde havia uma árvore de doces e saborosos muchilos, creio que também uma árvore de iói-iós. Enfim, ali onde, quase sempre acompanhado pelo meu irmão Zeca, dois anos mais novo do que eu, aprendi a nadar como tantos outros miúdos gabelenses o fizeram.

Dada a tentação que me levou a voltar ao Albano Ferreira, não quero deixar de também ser tentado - até... Curioso... Por certa associação psicológica... - a regressar ao meu Pai, o David de Sousa, de saudosa memória e referir-me que, “in illo tempore”, foi sócio do Cirilo - pai do António, o António que, mais tarde, veio a ser meu cunhado - com talho e estabelecimento comercial naquela casa que, anos depois, veio a pertencer ao Borges Alfaiate, homem educado, correcto no trato que, por razões que provavelmente as teria ou não teria, veio a disparar um tiro de carabina 22 longos varando a cabina da carrinha na qual o Evaristo Figueiredo se fazia transportar e obrigando a que este, em debandada célere, apenas parasse à porta de entrada para a Administração do Concelho. Depois, já na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, denominada Gonçalves & Sousa, Lda., o meu Pai foi também sócio do António Gonçalves de Magalhães, do Hengo, pai do Ângelo, da Gininha, do Jorge, da Lola, da belíssima Graça e da não menos bela

Ana Maria, mulher do meu Amigo Silva Carvalho.

Meu Pai - senense de gema e de têmpera, oriundo das cumeadas da Serra da Estrela - nasceu, naquela casa centenária, que ainda em 1976 tive o ensejo de contemplar, pois ali e nesse mesmo ano continuava firmemente plantada em resistência inquebrantável às intempéries do tempo rude e bruto, casa essa que fora propriedade de seus pais. Naquela casa centenária nasceu, pois, o meu Pai, em 20 de Abril de 1896, no preciso lugar onde se ergue hoje um novo prédio, com o número 7, na actual Avenida dos Combatentes, no centro da que foi Vila, hoje cidade de Seia. Era filho de Luís de Sousa e de Maria dos Prazeres. Fazia parte de uma prole numerosa de filhos. Era irmão da Aurora, da Ana, da Lúcia, da Alzira, da Lurdes, da Rosa - homónima da minha irmã Rosita - do Luís e do José que abalou para o Brasil sem que de lá voltasse, restando dele apenas parquíssimas e vagas notícias. E ainda o meu Pai: partiu para Angola assim que terminou o serviço militar obrigatório - antes de o meu tio José o ter feito para o outro lado do Atlântico, para o Brasil - creio que em 1920. Lá não sei precisar com rigor se foi, efectivamente, nesse ou num dos anos por ali perto. Tremendo!... O passar dos anos... O meu Pai foi, ao tempo, empregado da Companhia do Amboim, pertencente, ao que me lembro de ter ouvido falar, a uma empresa belga e que, mais tarde, deu lugar à C.A.D.A.. Mudou-se e fixou-se, penso que não muito mais tarde, como comerciante e com uma propriedade agro-pecuária no lugar denominado Muxito-a-Mema, que

pertenceu ao Posto Administrativo do Condé e que, ultimamente, era abrangido pela jurisdição do Concelho da Quilenda. Assim foi, naquele tempo, quando o Concelho do Amboim se estendia por quase tudo quanto era sítio: tudo quanto era a área da Quilenda, do Quirimbo, das Salinas, do Condé, do Ébo, da Cela e não sei se mais.

Do Muxito-a-Mema - lugar onde exactamente nasci - quando toda uma vara enorme de porcos que possuía e na qual durante anos havia apostado foi, quase de um dia para o outro, dizimada pela peste suína, o meu Pai deixou tudo e veio para a Gabela onde de armas e bagagens assentou arraiais, dando aqui continuidade à sua actividade mercantil.

Arrendou, para instalação do seu estabelecimento comercial e nossa casa de morada de família, também não sei quando, penso que depois de ter sido dono do talho e sócio do Cirilo, talvez nos finais dos anos trinta, princípios dos anos quarenta, arrendou, como dizíamos, ao Teixeira - padrinho de baptismo do meu irmão Zeea e pai do Tinga, da Natália Bastos e do Vaíto, não sei se também pai ou tio da Zulmira - a casa que, muito tempo depois, veio a ser comprada pelo Baptista Henriques. Desta casa mudou-se para uma outra arrendada ao Paulino Pereira da Silva, pai da Elisa, da Paulina, do Virgílio, do Toninho, do Armando, tio-afim do Jorge Tavares e concunhado do António Gonçalves de Magalhães. Até que, finalmente, instalou-se em prédio de sua propriedade construído expressamente para o efeito.

Do desaire daquela agro-pecuária no Muxito-a-Mema, o meu Pai teve memória para sempre e nunca dele psiquicamente se libertou, por isso mesmo jamais quis saber da agricultura para nada, particularmente ao ver as privações inúmeras por que passavam muitos dos roceiros a quem ele, comerciante, fornecia mercadorias e mantimentos vários e, em algumas ocasiões, lhes chegou a matar a fome. De tal modo que, mesmo quando o café, como que tocado por Midas, quase se transformou em ouro, recusou-se a seguir na senda da corrida avidamente prosseguida pelos outros, por quase todos os comerciantes da Gabela. Continuou porfiadamente na sua actividade comercial enquanto as circunstâncias e as forças lho permitiram.

Na filial comercial que teve em Dala-Caxibo, Concelho do Libolo, com sede em Calulo, ainda atreveu-se a demarcar uma área de terreno daquelas que ia até aonde a vista alcançasse com o propósito de se dedicar à cultura do café, em ocasião que, seguramente, teria, como poucos, sobejas condições económicas e financeiras para o efeito. Contudo, o desiderato não passou de projecto: desistiu, atormentado pela memória do passado e pela subserviência junto das autoridades administrativas que tal tipo de empreendimento implicava, o que, de modo algum, se compadecia com o seu temperamento e forte sentido de dignidade totalmente avesso a subordinações ilegítimas, bajulices, mendiguices e corrupções, fosse em que circunstâncias fossem e junto de

quem quer que fosse.

Meu Pai, de discurso fácil, frontal e sem rodeios, quer oral quer escrito; de sorriso aberto, afável e atraente quando disso quisesse fazer gala; de raciocínio fluente e brilhante; firme na afirmação de princípios e valores que lhe foram sempre caros e tão arredados andam das consciências hodiernas mais dadas à inversão e subversão de tudo e de todos. Consciências hodiernas capazes de vender... Vender tudo... Mesmo tudo... Até as próprias mães se para tanto for necessário. Meu Pai era plenamente convincente na argumentação; contabilista de excelência invulgar; que efectivamente o era, o dissessem os Guarda-Livros, Veloso, casado com a Elisa, prima do meu Pai que, posteriormente, fixou residência, primeiro em Porto Amboim e depois em Luanda donde acabou por regressar a Portugal para sempre; Julinho, gordo, anafado, o tal de que se dizia que, aos domingos e à hora do almoço, se sentava em frente de uma mesa com um leitão bem assado e um garrafão de cinco litros de vinho e, pela tarde adentro, emborcava tudo aquilo e mais, posto que, se mais houvera... Lá chegara?... Não!... Mais comera; Barbosa, o do pingalim e laço ao pescoço, marido da Ana Barbosa; Couceiro, pai da Céu (mulher do Álvaro Lafayette), da Isabel (mulher do Carios, prima do Luís Maria); Gândara, que tinha por passa-tempo favorito "beber uns copos" e jogar bilhar no Saúde Hotel e, por isso, ali seria facilmente encontrado; o Marto, irmão do outro Marto que se quis suicidar dando um tiro de raspão pelo peito junto ao braço,

CAVES ALIANÇA, S. A.

75 Grandes Anos com os olhos no futuro

As origens

Foi já no longínquo ano de 1927 que as actuais Caves Aliança, S.A. iniciaram em Sangalhos a sua actividade, então sob a denominação social Vinícola de Sangalhos, Lda..

Os seus dois principais impulsionadores, Domingos Silva e Angelo Neves, eram já então pessoas experimentadas nos negócios e nas artes vnicas. O primeiro porque já desenvolvia uma actividade comercial variada e o segundo, enólogo nato e já com provas dadas, era o responsável pela Sociedade Vinícola Aguedense, Lda., com sede no lugar do Vale Grande, do concelho de Agueda que, entretanto, fora tomada de trespasse.

Àqueles dois líderes se aliaram mais nove sócios, formando assim uma grande aliança que viria a justificar o nome de "Caves Aliança" que anos mais tarde foi incorporado na denominação social e que perdurou até aos dias de hoje.

A experiência e o dinamismo dos seus fundadores fizeram com que a incipiente Vinícola de Sangalhos desde muito cedo se assumisse com pretensões a uma grande empresa quando, logo nos anos trinta iniciou a sua actividade exportadora para o Brasil e para França e quando à sua volta começou a desenvolver um conjunto de actividades afins, como a destilação de aguardentes e a de serração de madeiras para a sua caixaotaria e para a sua tanoaria.

As Caves

Integradas na Rota dos Vinhos da Bairrada, as Caves Aliança ocupam actualmente em Sangalhos, uma área superior a 30.000 m² onde têm efectuado vultuosos investimentos em instalações que ocupam uma área coberta de cerca de 20.000 m², distribuída por vários pisos incluindo as suas labirínticas galerias subterrâneas. Aqui se fazem e armazenam ao longo dos tempos alguns milhões de garrafas de vinhos V.Q.P.R.D. e de espumantes naturais preparados pelo método clássico, outrora designado por "método champanhês", caracterizado por fazer a segunda fermentação (champanhização) dentro da própria garrafa.

Mas para além dos conhecidos vinhos e dos apetecidos espumantes naturais, onde as Caves Aliança têm alcançado um vasto e invejável palmarés no País e no Estrangeiro, a empresa continua a elaborar também afamadas aguardentes vnicas velhas, sector em que é líder de mercado nacional e para o que dispõe de um valiosíssimo stock em envelhecimento.

Percorrer este mundo subterrâneo, sentir os cheiros dos taninos das suas amplas naves repletas de milhares de pipas de carvalho com aguardentes e vinhos em estágio, encher a vista com tantas e tantas pilhas com milhares e milhares de garrafas ordeiramente dispostas e identificadas pelos lotes, por categorias de produtos, por colheitas, por regiões de proveniência, é descobrir um mundo inimaginável d sensações por quem, passando na estrada, apenas avista uma construção simples e com reduzida visibilidade.

Mas é também a maneira de nos apercebermos o quão complexo e exigente é todo o processo produtivo, para que os produtos cheguem aos mercados com as características que os consumidores pretendem e capazes de competir com tantos outros dos mais diversos produtores e países.

É que as Caves Aliança, para além de serem uma empresa de referência no mercado nacional, não têm descurado a sua vertente exportadora, enviando para os mais diversos mercados espalhados por todo o mundo quase 50% da sua produção, na maioria vinhos de mesa.

Preparando o futuro

Para melhor poderem enfrentar esse desafio, as Caves Aliança não só têm investido continuamente na actualização das suas instalações, nomeadamente com a construção recente de um novo centro de vinificação para vinhos de topo de gama com técnicas de vanguarda, assim como tem investido nos seus sistemas de controlo e melhoria dos processos de fabrico, o que lhe possibilitou a sua certificação há já alguns anos segundo as Normas ISO 9002.

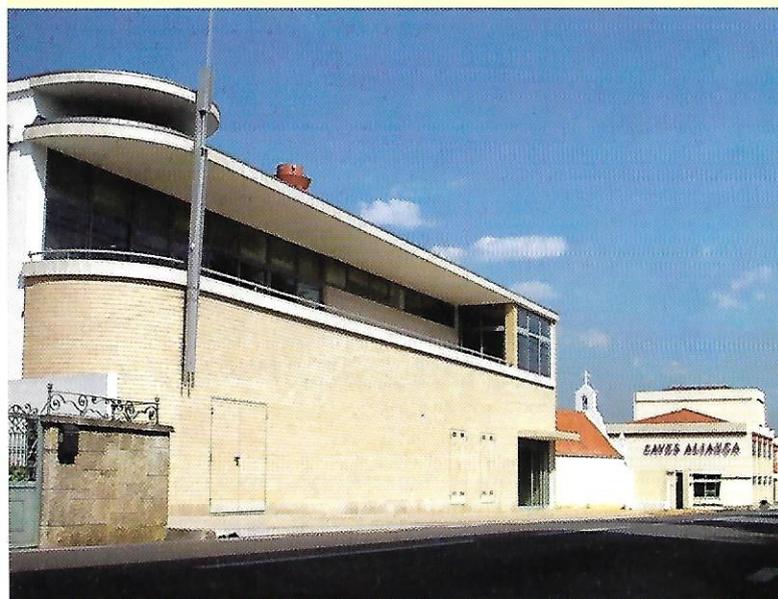
Presentemente preparam-se já para a certificação de acordo com as Normas ISO 9001/2000.

Mas porque a condição fundamental para a obtenção de óptimos vinhos é dispor de óptimas uvas, nos últimos anos tomou uma opção clara e forte por investir em vinhas. Do Alentejo ao Douro, passando pela Bairrada, pelo Dão e pela Beira Interior, as Caves Aliança têm vindo a proceder a um trabalho selectivo e intenso de exploração, plantio e reconversão de vinhas que já ocupam uma área superior a 350 ha onde, apoiada numa equipa de jovens técnicos com formação actualizada, procuram produzir as uvas mais adequadas à obtenção de vinhos de topo de gama e outros, com objectivo de, sustentadamente, elevar cada vez mais a qualidade das suas marcas e contribuir eficazmente para a melhoria da imagem dos vinhos portugueses no estrangeiro.

Recorrendo também à larga experiência internacional de dois consultores enólogos de Bordéus, Michel Rolland e Pascal Chantonnet, os primeiros frutos dessa aposta nas vinhas e em novas práticas enológicas começam a aparecer. Neste ano jubilar, já foram lançados no mercado três novos vinhos de topo de gama: "T da Quinta da Terrugem", (Alentejo), "Quinta dos 4 Ventos" (Douro) e "Quinta das Bacheladas" (Bairrada), todos da colheita de 1999, que têm vindo a merecer da parte dos críticos especializados os mais elogiosos comentários.

Para o próximo ano, novos lançamentos se perspectivam com base na colheita de 2000, enquanto que a colheita de 2001, donde se espera venham a surgir excelentes vinhos, só será lançada no ano seguinte.

Em consequência dessa aposta, as Caves Aliança pretendem afirmar-se como um produtor nacional de vinhos de qualidade, cujo universo pode ser observado quer na visita às suas instalações em Sangalhos, quer em visitas às suas quintas e através da internet.



AS PRINCIPAIS MARCAS

Aliança Particular Bruto, Espumante
Aliança Tinto Bruto, Espumante
Aliança Danúbio Bruto, Espumante
Antiquíssima, Aguardente
Antiqua, Aguardente

Aliança Velha, Aguardente
Quinta dos 4 Ventos, VQPRD Douro
Foral Grande Escolha, VQPRD Douro
Aliança Particular, VQPRD Dão
Quinta das Baceladas, VQPRD Bairrada

Aliança Garrateira, VQPRD Bairrada
Angelus, VQPRD Bairrada
Galeria, Regional Beiras
T da Quinta da Terrugem, VQPRD Alentejo
Quinta da Terrugem, VQPRD Alentejo

Alabastro, Regional Alentejo
Aliança Particular, VQPRD Palmela
Quinta da Cortezia, VQPRD Estremadura
Casal Mendes Rosé, Vinho de Mesa

AS QUINTAS:

BAIRRADA:

Quintas Forum Prior do Crato
Sangalhos (Anadia)

Quinta das Maribanas
Óis do Bairro (Anadia)

Quinta das Baceladas
Outil (Cantanhede)

DÃO:

Quintas da Garrida e do Vale do Pereiro
Vila Nova de Tazem (Gouveia)

Quinta das Casticeiras
Moimenta da Serra (Gouveia)

DOURO:

Quinta dos 4 Ventos
Porto de Bois
EN 222-4
Cedovim (V.N. Foz Coa)

BEIRA INTERIOR:

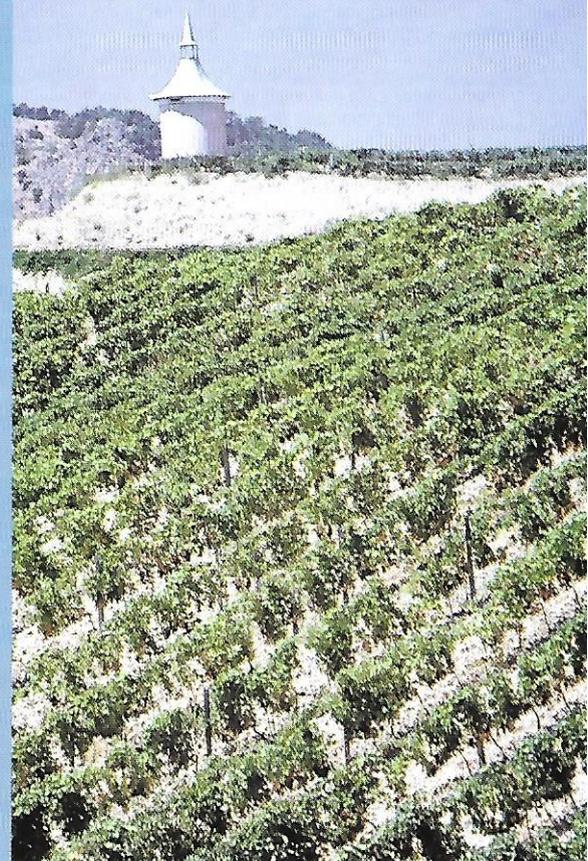
Quinta D'Aguiar
Santa Maria de Aguiar
Figueira de Castelo Rodrigo

ALENTEJO:

Quinta da Terrugem
Terrugem (Elvas)

Quinta do Barranco
Malhada Alta (Alandroal)

QUINTA DOS QUATRO VENTOS DOURO SUPERIOR



primo das Londinhas, donas daquela roça, na Londa - as irmãs Piedade e Ilda - a primeira das duas casada com o tio, o Cidade; Andrade, pai da Alice, da Milú, do Luisinho, da Ester e do Carios; Teodósio Martins, particular amigo do meu Pai e que, mais tarde, dono de uma roça de café na Quilenda, não se poupou, em certa ocasião, por razões que certamente as tinha ou as supunha ter, de disparar uns tiros de caçadeira contra o Secundino Alves da Silva; João Lourenço dos Santos, pai da Cândida, do Toneca e do meu primo Lino e que fazia a contabilidade, de entre outras, do Lafayette, pai da Laura - mãe da Odete, sendo, esta, mulher do meu ex-sócio e particular Amigo, Luís da Silva Guimarães de Oliveira, natural de Lorvão - do Álvaro e do Alberto; António Cunha, pai da Lisete e do Raúl; Botelho de Carvalho... O "Carvalho das Petas" como era conhecido, pai da Adozinda, do Joaquim, o Canaballo, da Yolanda, da Glória, da Alda, da Emília e da Anabela. Que o dissessem, outros comerciantes, como o Costa Marques, aquele "gentleman", que havia sido contabilista da Robert Hudson e, posteriormente, sócio gerente da sociedade comercial Marques, Nunes & C.' - suponho que era esta a razão social da empresa - que teve por gerente de eraveira o Leiria e, noutra ocasião, o Tomás da Silva Graça e de que foi empregado o Reais, pai do Saquir, do Luro, do Acácio, do Daniel e de alguns mais outros filhos e muitas filhas: eram muitos. O Reais morava não longe do também velho comerciante Francisco de Almeida, pai da Júlia (mulher do Heitor Martins), do Luís, do António, do Zé (Ninito), da Xica

e cujo estabelecimento comercial se situava próximo da Escola Oficina de que terá sido primeiro Director o Professor Sampaio - "terror" de alunos, conterrâneo do meu Pai, um e outro companheiros de brincadeiras na Serra enquanto crianças - pai da Alice, do Rogério, do Rui e do Carlitos; o Bacelar, pai da Estefânia (Funy) e da outra rapariguinha, creio que era a Quicas; o Cerveira da casa das ferragens e armeiro que teve como guarda-livros o Fonseca, pai do Jorge e da Zinha; o Bastinhos, dono da Casa Carioca, pai do Eugénio, do Emílio, da Berta e da Néné; o velho Nazaré, o do "bom pão do Nazaré", o da padaria, mercearia, papelaria e casa de modas - de que foram empregados o Zé Nazaré, ultimamente comerciante no Quinjumbulo e o Artur, que, tempos volvidos, ficou conhecido por Artur do peixe. O Artur que, um dia, pregou uns demolidores murros ao ~ Garrido da Costa que era adjunto do Secretário de Fazenda... O ~, pois, homem integro, de carácter e bondade excepcionais e por quem nutro o mais elevado apreço - voltando ao velho Nazaré, pai do Nazaré filho que pilotava a avioneta do aeroclube; o Rodrigues da ponte... que também fora empregado do Nazaré antes de se estabelecer de conta própria. O Rodrigues da ponte, que tocava primorosamente violino. E, vá lá, que o diga eu próprio, que, já depois de homem feito, tanto e tanto aprendi com ele, mesmo em domínios do saber que seria suposto serem os meus.

Neste desenrolar do tempo gravado em memória, ia-se-me passando e seria imperdoável: o transmontano Oliveira, o Oliveira da pensão, o da dona Maria da

pensão, pai do Horácio - do Horácio... Direi eu: o "mata-fortes"... - do Amadeu, da Graça (mulher do Malaquias, este irmão do Fernando Silva que vindo do Benfíca de Luanda, foi um dos jogadores de futebol mais brilhantes do A.R.A., a par do meu irmão Amâncio, do Jorge Tavares, do Passos que viera de Benguela e do guarda-redes, Reis, que acabou por ficar com a Manuela - mulher do João Pereira), também e ainda pai do Humberto, da Lurdes, ao que me consta, médica; tio do Amadeu de Oliveira que durante largos anos foi empregado de balcão do estabelecimento comercial do Cerveira e, mais tarde, dono da Auto-Reunidas.

Mais ... Lá em baixo - na estrada à saída para a Boa-Entrada, ali perto do matadouro municipal, perto do fontanário onde se ia acarretar, em barris e garrações, água para beber - o Graça, o velho comerciante Graça, isolado de todos, quase eremita. E um pouco mais além, no seguimento da aludida estrada, o Arselino Machado, pai do Nelson, antecedido de alguns metros pelo comerciante Norberto Guedes Raimundo, transmontano de cepa, pai do António Raimundo, do Aniceto.

Avançando mais um nadinha, um quase nada e em jeito de talhe de foice... Lá em cima, à saída para Quibala... O Sousa, o Sousa das bananeiras... O Sousa das bananeiras por causa daquelas bananeiras para ali plantadas, junto à sua casa - não há qualquer laço de parentesco entre ele e o David de Sousa, meu Pai - o Sousa das bananeiras ali a subir, um pouco à frente do Vicente das peras, o do estabelecimento comercial que, não me

lembro se antes ou depois, fora a “Casa Arganiel” do Vítor Castanheira... O Sousa das bananeiras... Também comerciante, pai da Maria Carrasquinho, do António, do Manuel, do Joaquim, do Xico.

O mecânico Viegas, pai do Anibal, do Artur, do João Abreu, da Evangelina, do Manuel; o mecânico Ferrão, com oficina na pedra, próximo do Mazunge, não muito longe da casa que ultimamente pertencia ao Armando Martins, marido da irmã do Quartim, pai da Clarice, da Femanda e do Jorge, casa que, em tempos recuados, havia sido propriedade do Cunha da Pedra, pai da Rosa Cunha, aquele homem afável, bonacheirão, que, de caçadeira em riste e aos tiros, afoitou enfrentar as autoridades administrativas incumbidas de fazer cumprir mandado judicial obrigando-o à entrega da sua neta - a pequenina Angelina - à tutela do pai e em desfavor da mãe, a Rosa; ... o mecânico Ferrão, pois, cuja oficina, também perto da piscina, ficava para ali como que a caminho para o Cruzeiro.

E o velho Jesus... O mecânico dos mecânicos, o espanhol... Padrinho e mestre de profissão do Marto e do Sebastião e com quem também o Jorge Tavares se fez mecânico.

O Mata e Dias, fundador do Jornal da Gabela que não durou muito.

O Marta Alfaiate, pai da Nair e da bonita Josefina amiga da bela Dalila, esta, irmã do meu desditoso Amigo e velho companheiro de liceu, Júlio do Valle e Vasconcelos de Carvalho, a quem a morte - antes dos sessenta anos e enquanto Cônsul de Portugal nos Estados Unidos da América do Norte -

cedo quis levar; o Marta, ali mesmo ao lado do Santana Alfaiate pai do Rui e de outros cujos nomes não me recordo.

E o Bernardes!... O Bernardes Alfaiate, mais tarde agricultor e dono d’ “A Eléctrica do Amboim”, pai do Carlos.

E o Azevedo da Pedra... Comerciante e cafeicultor, pai da Julieta, da Olímpia, do Zeea e da Celeste, um pouco depois do comerciante António Queirós, pai da Lindinha, da Zita e da Raquel (creio que médica). O Azevedo da Pedra, lá ao cimo, com acesso a partir da estrada para a Sétima a subir depois dos Moutinhos: Luís Moutinho, Henrique Moutinho e António Moutinho, donos da Casa da Beira não longe do prédio do Marques & Seixas, Lda.. O “Marques, Seixas” (aquele casarão do tempo da maria cachucha) de que foi gerente o Barradas e onde trabalhara, nos escritórios, o Alberto Necas, guarda-redes do A.R.A., mais tarde casado com a Celeste Azevedo e, aos balcões, o Fortunato Ribeiro que veio a ser gerente da Socorel (Socorel? ... Se a denominação não era assim, como suponho, seria uma outra próxima desta) num dos prédios do meu Pai. A Casa da Beira, dos Moutinhos, junto à linha férrea e de que foram empregados de balcão os “Passarinhos”, o Duarte e o Martins, posteriormente sócios da sociedade Duarte & Martins, Lda., de que foi guarda-livros, com fama merecida, o Pascoal e empregados de balcão o Videira e o Crisanto.

Pois bem, os Moutinhos. Também donos da Roça Montes Hermínios, na Carimba.

Voltemos por instantes e para não

variarmos de todo ao Azevedo... O Azevedo da Pedra, para ali, para os lados da Lua-Cheia. A Lua-Cheia... Não sei se lhe chame sanzala ou bairro.

Outras sanzalas ou bairros: lembro-me do Inconcom, um pouco acima do lugar onde se situavam as turbinas do Albano Ferreira; do Catete, junto do Cruzeiro; da Quissala, no sopé do morro, o morro, a pedra, a pedra enormíssima, aquele colosso, gigantesco monte de granito, verdadeiramente monstruoso em tamanho e belo na silhueta, nos contornos, na sua extraordinária disposição arquitectural, que se erguia a pino, logo ali próximo da casa do Graça, junto à estrada de saída para a Boa-Entrada, para Porto Amboim, para a Conda, para o Seles, para Novo Redondo e daqui para Benguela, Catumbela, Lobito e também para Sã da Bandeira; da Catandala, para os lados do Sousa das Bananeiras, próximo do antigo campo de aviação, à salda para a Quibala ponto de bifurcação de estradas, num dos sentidos seguindo para o Dondo a caminho de Luanda, para o litoral e daqui para o Norte; no outro sentido, para o interior, para a Cela, para o planalto, para Nova Lisboa e Sã da Bandeira, enfim, para o Sul.

Destas sanzalas ou bairros, nos velhos e gloriosos tempos da Gabela, partiam, por alturas do Carnaval, rumando para a vila, para o povoado, os fabulosos... Como que verdadeiros corsos carnavalescos de fazer inveja ao Brasil. Agrupamentos e agrupamentos de gente, alguns deles ensaiados a preceito, com vestimentas, fardas alusivas à ocasião e confeccionadas

em formas de favos por tudo quanto era sitio com o encanto e destreza de verdadeiras mãos de fada e em que os tecidos, de cores garridas e variegadas, emprestavam asas à imaginação e criatividade dando ensejo ao deslumbramento; espectacular; máscaras e mascarilhas maravilhosas; cantares entoados em coro enchiam os ares e, pela alegria, enlevavam as almas; tambores e batucadas em forte percussão confundida com o retinir dos apitos e o roncar dos trombones e das trombetas, enfim, rumava tudo assim para o povoado, rumavam grupos e grupos em desfiles fabulosos acompanhados por enormes multidões que se apinhavam pelas ruas, alguns deles ensaiados com todo o rigor dos melhores festejos enúduescos pelo não menos fabuloso e boêmio Matos Pintor, pintor de profissão, tido por quase todos como brasileiro, mas que, surpresa, fiquei há dias a saber pelo Toneca Cardoso, do Assango (o Assango do simpaticíssimo Mário Midosi, o das anedotas), que seria angolano. E que, sendo-o, nas suas andanças como embarcações pelas cinco partidas do mundo, acabou por aportar no Brasil onde viveu anos a fio, tendo ali deixado filhos e adquirido todo o jeito das gentes de Vera Cruz.

A propósito de tudo isto... A propósito disto e daquilo... A propósito de muita, muita e muita coisa e ainda a propósito de nada... A propósito de mera associação ao pensar no “Carvalho das Petas”... e o Carvalho da Borracha?!... Quase nada sei dele. Haverá quem o saiba e queira dizer algo?!... Por quê Carvalho da Borracha?!...

Ainda e sempre ainda a lembrança do meu Pai, perdoe-se-me o uso e abuso que faço dela: De chapéu e impecavelmente vestido de fato e gravata; de caminhar elegante, passo certo e forte; sem tibiezas; rosto bem erguido e de olhar firme; comerciante respeitado e dos mais conceituados e prestigiados pela sua rectidão, verticalidade, seriedade, honestidade; de saber versátil, verdadeiramente enciclopédico; de exigência e rigor exacerbados nos comportamentos das pessoas e para com as pessoas, aliás, para com toda a gente, designadamente para com os filhos, em relação aos quais não havia meios termos - ou tudo ou nada - e a quem eu e os meus irmãos sempre ouvimos dizer não querer filhos vadios. E, pasme-se! Curiosidade das curiosidades: quiçá pela via educacional musculada e de cariz militarista por ele prosseguida, realizou plenamente o seu desiderato - não teve filhos vadios.

Assim foi, evidentemente, antes de ser um homem doente e muito doente, vindo a falecer em 12 de Maio de 1973, aos 77 anos de idade, à hora em que a procissão de velas saía do adro da igreja paroquial, dali a escassos metros da que foi a nossa casa de morada de família bem como das outras nossas casas. Infelizmente sofreu como ninguém dos horrores de um cancro durante anos e anos e cujo sofrimento atroz só terá sido minorado, se é que alguma vez o poderá ter sido, pelo ímpar apoio, desvelo sem igual e acompanhamento terno, extenuante e estrénuo da minha sempre lembrada e

saudosa Mãe, Maria, nascida em 6 de Maio de 1914 na Cela se bem que também com origens na Figueira da Foz, mais precisamente, na freguesia de Alqueirão, onde nasceu o meu avô materno Luís Lino dos Santos Cajão. Figueira da Foz, cidade em que a minha tia-avó, Nazaré - homônima da minha tia Nazaré, mãe do Lino - religiosa, foi madre-superiora do Convento. Pois é... Desdita do destino ou desdita dos feitos e defeitos daqueles outros loucos que se intitulam “Pessoas de bem”: a minha Mãe, Maria dos Santos, veio a falecer em 8 de Agosto de 1976, no Hospital do Desterro, já aqui em Portugal onde a “exemplar descolonização” do Mário Soares, Almeida Santos e outros quejandos, impunemente nos despejou.

Voltando - mais uma vez voltando para trás, na sustentação da ideia de que é de todo em todo importante conhecer o passado para entender o presente e prevenir o futuro - voltando, como dizíamos, ao médico, ao Dr. Martins de Almeida: era homem distintíssimo (de quem o meu Pai gostava muito pouco ou mesmo nada por razões que ele lá teria), sempre de “papillon”, laço ao pescoço, exímio “construtor” de palácios, palácios através dos quais revelou invulgar sentido e sensibilidade estéticos, como se constatava, de modo particular, naquele que penso ter sido sua residência e que veio, mais tarde, a ser vendido ao Estado para servir de residência oficial dos Administradores do Concelho: o Palácio, como era conhecido. O próprio edifício do que foi o Saúde Hotel... Por ele também mandado construir e de que terá sido igualmente proprietário. Acerca dos

particularismos e das nuances estéticas deste edifício, que o digam os que o conheceram.

E desse passado que já lá vai, não nos esqueçamos daquele que, ao que suponho, terá sido o primeiro pároco da Gabela, pároco da freguesia de Santa Isabel, o Padre António da Silva Maia, o Padre que me baptizou, tinha eu escassos meses, Padre e autor do livro intitulado “Epítome de Gramáticas Portuguesa e Quimbunda - Dialectos do Quanza-Sul e Quanza Norte - Angola”, livro interessantíssimo que me foi ofertado pelo meu irmão Rui.

Onde me baptizou ele?!... Lá no alto, naquele “saparalo”, ao que me dizem, mandado construir pelo Bula-Matar - o termo “saparalo”... Não sei se é exactamente assim que se escreve e se pronuncia, conheço-o apenas de ouvido e da Gabela, aliás, nem sei, tão-pouco, se será ou não termo português, talvez o seja talvez não, talvez uma corruptela - fui, como dizia, baptizado lá no alto, à entrada da Gabela para quem vem da Quibala, não muito longe do Rodrigues e do Pereira da Ponte, este, pai do Tó, da Milú, do Armando e da Miquinhas.

Como ia dizendo: fui baptizado exactamente ali, naquele velho “saparalo”, onde inicialmente funcionou a Igreja, situado entre os cafezais que pertenciam aos donos da Roça Caputa: o Zé de Matos, pai do Alberto e da Anita e o Adriano de Matos, pai do Pedro (cirurgião, ao que me consta, algures num dos hospitais de Lisboa) como também o era do Tótó e da Alice.

Naquele “saparalo”, perto do qual vivia o Loureiro, que havia sido Chefe de Posto, homem de índole, carácter e

bondade excepcionais, pai da Odete, da Ilda e da Rosa.

Naquele “saparalo”... A caminho da Aricanga onde era visto o Oliveira das onças - celebrado como exímio e audaz caçador dos lindíssimos felinos nas crespas penhas dos morros da Nhuma que se erguem altaneiros, além, do lado esquerdo da estrada do Assango para o Ébo - pai do Alberto camionista, que, ao que consta, terá sido capturado quando, em viagem da Gabela para Luanda, numa das incursões da U.N.I.T.A. na fiageladora e estúpida guerra que a opõe ao M.P.L.A. e que, em nome da independência da tão cobiçada e disputada Angola - independência... Que independência?!... - irracionalmente se arrasta há já quarenta anos e sem fim à vista.

Aricanga, descampado despido de arborização natural e de terras avennelhadas e duras - “habitat” das laboriosas térmitas, formigas brancas, salalé - em contraste nítido com as matas do Amboim logo ali um pouco mais abaixo, que, todavia, não impediu que a pertinácia de alguns a propiciasse para a cultura do café robusta com o necessário sombreamento conseguido através da plantação de grevílias, árvores exóticas, de porte, altas e de alguma similitude com coníferas.

Aricanga, domínio dos comerciantes e cafeicultores, os tais alguns: Coelho Herse; André de Almeida; Vitório, pai da Maria, da Ana, do Zé. O Vitório que tinha aquela rocita de café que por artes e manhas de fornecimentos que certos comerciantes - e não só - iam

fazendo até à insolvência ou falência do fornecido, acabou, mais tarde, nas mãos da sociedade comercial Cirilo & kmão, Lda.; domínio também do Alfredo Carpinteiro, pai do Raúl sapateiro, da Ilda, da Zulmira; do velho Sambiano, pai do José Samblano e do Fernando Sanibiano; do Saraiva da Aricanga, pai do Manuel Saraiva; do Ramalho, do Manda Fama, do Pires da Aricanga; do Simões, pai do Norberto e do Nini; do Casimiro, roceiro e caçador, um dos negros distintos da Gabela, a par dos Faztudos, dos Sardinhas, dos Santa Rosa; a par do Joaquim barbeiro do Quinjumbulo, barbeiro de profissão, que teve a sua barbearia no prédio do Rocha & Coelho, pai do Pedro que trabalhou no Hospital; a par do Simão alfaiate, alfaiate também de profissão, que, depois dos acontecimentos de 1961 de que foi vítima, se envolveu com o Sã do Quipindo, por causa de tal vitimação, numa complexa e inusitada questão judicial da qual, a despeito das muitas contrariedades e por mor da justiça, saiu em triunfo; o velho Pedro sapateiro, sapateiro igualmente de profissão; a par do guarda-livros santomense, Conceição, que morava para as bandas do tenente-coronel Pinto, pai da Júlia e avô do Rui Pinto, ali para aqueles lados onde existia um corte de ténis junto daquele cafezal que havia pertencido ou pertencia à Companhia do Seles e onde também morava a dona Joaquina, viúva, mãe da Fátima;... o Conceição... Um dos negros santomenses distintíssimo; a par do camionista e roceiro Capiipi, pai do Capiipi filho... O Capiipi, o esventurado Capiipi que acabou esfacelado nas garras de unia onça que

o Aguinaldo Ferreira - um dos favoritos companheiros das famosas brigas, dos famosos murros, das famosas aventuras e desventuras do não menos famoso Horácio de Oliveira -, matou pronto e presto a tiro de caçadeira. O Capipi pai... Negro de larga distinção a par do não menos distinto santomense e camionista, Xico "Chauffeur" que, nos últimos tempos, já algo velho e fortemente marcado por um acidente de viação que lhe terá deixado poucos ossos inteiros, trabalhara para o Rocha & Coelho.

Que me perdoe o Manuel Faztudo por, nesta crônica, acabar por me perder em digressões e considerações por certo enfadonhas com a estulta pretensão de querer falar de tudo e de toda a gente, quando, em boa verdade, tantos e tantos anos se passaram e a memória, necessariamente, já me vai falhando. Voltemos, pois, à nossa figura típica: ao Manuel Faztudo.

Lá andava o Manuel Faztudo com os seus requerimentos: Se não eram para a Administração do Concelho, eram para a Repartição de Finanças, para a Fazenda, vis-à-vis com os Correios: um e outro departamentos do Estado instalados no mesmo edifício de simples e bonita arquitectura e, do mesmo modo que a Administração do Concelho, próximos da Escola Primária.

Dos funcionários da Repartição de Finanças, destacava-se, ao tempo, o Ferreira da Fazenda pela sua modelar compostura, cordialidade, delicadeza, cortesia, educação, em suma: pelo seu civismo. Funcionário que, desde os meus mais remotos tempos de escola primária, atente-se na curiosidade:

mareou-me de tal modo que, mais tarde, influenciou decisivamente a minha opção pelo ingresso nos Quadros das Contribuições e Impostos de Angola.

Da ágil pena do Manuel Faztudo, em satisfação primorosa dos desígnios dos seus clientes, saíam requerimentos e cartas para tudo quanto era sitio. Requerimentos e cartas, eram, pois, com ele, com o Manuel Faztudo. Lá estava sempre pronto e solícito para com todos que se dispunham a pagar-lhe um "zangado". E daqui para as curvas - bom! - era um pulo.

Pela inegável qualidade da sua requintada prestação de serviços de ambaquista, não pedia muito, não senhor! Um "zangado" - copo de vinho de vinte e cinco tostões, dois e quinhentos, para tanto chegava. Pronto! Estava pago.

Por isso, subindo do Quinjumbulo pela manhã - não muito cedo, dado que a ressaca do dia anterior aconselhava-o a prolongar o bom e merecido descanso da noite, o "descanso do guerreiro" - aí, mais ou menos entre as nove e as dez horas, de pé firme, desempoeirado, desembaraçado, lá ia ele, no começo do seu dia, entrando e saindo de estabelecimento comercial em estabelecimento comercial, de capelinha em capelinha, na procura dos clientes habituais ou, eventualmente, de outros que porventura conseguisse angariar para os seus requerimentos ou, em circunstâncias diferentes, para os seus abalizados e profícuos aconselhamentos no sentido de se porem em sintonia no relacionamento com os poderes constituídos, mormente

com os poderes públicos sempre dotados de funcionários muito atreitos a complicar tudo e a vida de todos, esperando, por contrapartida dos seus mui prestimosos serviços, retribuição quase sempre expressa em "zangados" bem servidos.

Quando, de mansinho, a tarde deslizasse na calada da noite que se aproximava - ao passar, todos os dias, das duas graciosas pombas que, em voo pesado, lento e rasante, vindas, de regresso, dos lados do André, das palmeiras do dendém, na direcção e sentido do Hospital - lá vinha ele, o Manuel Faztudo, de volta ao Quinjumbulo depois de um dia exaustivo passado entre requerimentos, conselhos, "zangados", sorrisos afáveis e simpáticos como só ele sabia ostentar quando sóbrio.

Na volta, o pé firme da manhã, desempoeirado e em desembaraço, dava, ao entardecer, lugar a tropeções, cambalçamentos, tudo assim colmatado por ditos e saídas menos oportunos, menos felizes, menos próprios, necessariamente toldados pelos vapores e delírios que o vinho propicia e que, um dia, em desalento, o levaram a confessar de si para consigo e em plena rua - qual Vasco Santana para o candeeiro, no "Pátio das Cantigas" - "aquele tratante... Vil empregadeco de balcão... Vejam só: deu-me uma bofetada... A mim... A mim, Manuel Faztudo... Não!... (berro pungente e alongado, punho amargamente erguido ao céu; pausa sofrida e demorada, pensada e repensada; olhos tristes postos no chão) digamos a verdade: foram duas!". 

rossio também é encontro



silva carvalho

Em Lisboa, no Rossio, junto ao Restaurante Pic-Nic, entre a farmácia Azevedos e o célebre café Nicola, com sorte, podemos encontrar gabelenses.

É, aliás, o ponto de encontro habitual de ex-residentes das ex-colónias portuguesas, que vivem na área da grande Lisboa.

Diariamente se encontram para trocar impressões e conversar. Um hábito que vem de longos anos. Segundo me lembro uma prática que ficou dos tempos em que os africanistas se juntavam quando vinham de férias à Metrópole para saber novidades. Sempre com o mesmo espírito - conversar, trocar impressões, contar

histórias, a maior parte das vezes de caçadas e outras façanhas vividas em África. Assim foi com o meu pai, que já cá estava antes da minha chegada e de tantas outras pessoas que se radicaram em Portugal mesmo antes da descolonização.

Um hábito que perdurou e se mantém. É ali junto do Pic-Nic que encontro velhos amigos e que conheci outros que se tornaram já amigos, sempre dispostos a recordar belas histórias de um passado que começa a ser longínquo, onde muitos, já ausentes, os recordamos com saudade. Abordam-se todos os assuntos e ali permanecemos sem darmos conta do tempo que passa a correr.

Começamos a ficar velhos, mas a vontade de nos encontrarmos dá-nos força para irmos ao Rossio sempre na esperança de reencontrarmos, nem que seja por uns momentos, o amigo que já não víamos há tempos.

Quando os deixamos - os velhos e novos amigos -, na despedida fica sempre a intenção de voltar para partilhar de uma companhia sempre agradável, com quem nunca nos cansamos de conversar, trocando as impressões mais diversas.

Quando vier a Lisboa, passe no Rossio, que das 12h00 às 18h00 poderá ter a agradável surpresa de reencontrar um amigo - um gabelesense. 

o meu amigo jorge

silva carvalho

É um gabeleense de que me orgulho ser amigo. Apesar de mais jovem, o meu amigo Jorge é um exemplo que eu preservo, um amigo que preso, simpático, afável e sempre bem disposto. É prestável e nunca questiona quem o procura. O Doutor Jorge, com é conhecido no Hospital Egas Moniz, em Lisboa, é por todos estimado e a quem falo do meu amigo Jorge, a impressão é unânime quanto à sua forma de ser simples e agradável.

Por isso o distingo, sem lisonja, destacando-o como um gabeleense assumido, que me apraz referenciar e de quem me orgulho, É colaborador imprescindível do nosso Boletim.

JORGE DOMINGUES nasceu na Gabela, onde fez a instrução primária, tendo sido aluno da professora Maria do Carmo. Fez o curso dos liceus em Lisboa, tendo ingressado na Faculdade de Medicina. Fez os dois primeiros anos em Luanda e terminou o curso em Lisboa aos 22 anos. Fez o internato médico e ingressou na especialidade de otorrinolaringologia (ORL) pelos Hospitais e pela Ordem dos Médicos, tendo sido aprovado por unanimidade e distinção. Concorre para o lugar de assistente hospitalar de ORL, ocupando a vaga existente no departamento do Hospital Egas Moniz. Concorre pela obtenção do lugar de Chefe de Serviço, tendo sido aprovado por unanimidade e distinção.

Em Julho de 2000 fez concurso para a vaga de provimento em lugar de chefe



de serviço, tendo sido classificado em primeiro lugar com 19 valores. Em Março de 2002 toma posse como Chefe de Serviço de otorrinolaringologia, sendo assim um dos mais jovens chefes de serviço do País.

Tem vários trabalhos publicados no País e no estrangeiro. É assistente da cadeia de ORL na Universidade Nova de Lisboa, colaborador da Fundação Bom Sucesso. Cirurgião dos hospitais, reparte a sua actividade pelo exercício da medicina privada em várias clínicas. Tem vários prémios atribuídos pelo seus trabalhos científicos.

Como actividade lúdica, pratica atletismo e futebol, sendo corredor da maratona.

É casado e tem um filho que termina, brevemente, o curso de engenharia. É filho do professor Silvestre e da D. Mariazinha, cabeleireira, irmão da Guadalupe e do Carlos (Cipré). Considera o maior privilégio ter nascido em Angola e ter vivido os primeiros anos em perfeita comunhão com a natureza junto ao rio Mazungue, na Catandala, Gabela (Amboim).

É um orgulho para todos os gabeleenses. 

o chefe alves

augusto vilhena

Luís António Martinho Alves, filho de António Secundino Alves e de Maria Madalena Martinho, irmão de Cândida Prate e do Beto Alves, é o Chefe Alves, de quem reproduzimos uma entrevista dada a um jornal regional de Oliveira de Azemeis que, pelo mesmo, nos foi enviado.

Mais um gabelense de sucesso, que nos apraz registar com orgulho, divulgando-o no nosso Boletim.

Era uma vez... um menino de Angola, que, desde muito cedo, sonhava ser cozinheiro. Depois, o menino foi crescendo e estudou até ao 12º ano integrado num curso de electrotecnia mas *“a cozinha atraiu-me sempre muito mais”*. Decididamente, a engenharia perdia um electrotécnico enquanto a gastronomia ganhava um chefe de cozinha. E tanto assim que, já homem feito – *“tinha cerca de 20 anos”* – na Escola de Hotelaria de Vidago, Luís António Martinho Alves – assim se chamava o menino – viu o sonho transformar-se em realidade. E o Chefe Alves, como passou a ser conhecido, depressa se afirmou na arte de bem cozinhar, tanto no estrangeiro – *“Luxemburgo e Guiné-Bissau”* – como pelo país, particularmente em *“restaurantes de Lisboa”*, sempre em ambientes de *“Nouvelle Cuisine”*, afirmou. E esclareceu que *“a Nouvelle Cuisine foi implantada em Portugal há uns anos, mas não obteve grande sucesso porque os portugueses, regra geral, estão habituados a comer bem, não apenas em qualidade, mas também*

em quantidade”, justificou. Ora, *“na Nouvelle Cuisine privilegia-se a qualidade em desfavor da quantidade”*, sublinhou o Chefe Alves que, da imensa lista de VIP’s que já teve a *“subida honra e o grato prazer de servir”*, destaca *“Sua Eminência, o Papa”* e o então *“Presidente da República, Dr. Mário Soares”*.

Actualmente com 36 anos de idade, o Chefe Alves anda nas bocas do mundo gastronómico, por via do concurso *“Chefe Cozinheiro do Ano”*, um certame que vai já na nona edição e a que aderiu *“pela quarta vez consecutiva”*, pois *“mal soube deste evento, em 95, não mais parei de concorrer”*, revelou.

Organizado pela *“Iner Magazine”*, uma revista de âmbito culinário e gastronómico, o concurso *“Chefe Cozinheiro do Ano”* tem-se revelado como a rampa de lançamento para os profissionais de cozinha e, tal como em anos anteriores, ao longo de quatro eliminatórias foram sendo apresentados os doze concorrentes que marcaram presença na grande final nacional, que teve lugar em Novembro (dias 24 e 25) na Escola de Hotelaria e Turismo do Estoril e de que saiu o *“Chefe Cozinheiro 98”*. *“Esse ano tive a felicidade de ser apurado, graças ao 3º lugar que conquistei no Concurso Regional (em Coimbra) e que me deixou muito orgulhoso, pois finalmente consegui obter aquilo por que venho a lutar há anos”*, isto é, *“integrar os doze finalistas na luta pelo título de Chefe Cozinheiro do Ano”*. E, embora admita que *“é difícil ficar nos três primeiros lugares”*, o Chefe Alves assegura: *“Já que cheguei aqui*

vou tentar ir o mais longe possível!”. Depois, fez questão de mencionar os pratos que apresentou a concurso: entrada *“Truta salmonada com abacate, caril e camarão selvagem”*; prato principal: *“Frango caseiro com leite magro, mel, carqueja, molho de amoras silvestres e arroz crioulo”*; e sobremesa *“maçã encastrada (assada) com doce de framboesa, molho de requeijão e erva cidreira”*. E realça que *“foi com a ajuda dos meus pais que consegui chegar à final”*, pondo mesmo em evidência o *“incentivo”* que sempre recebeu deles e a colaboração estreita na confecção dos pratos: *“as amoras silvestres, os tomates e a carqueja foram os meus pais que me arranjaram lá em Chaves”*, onde vivem. No entanto, a partir do momento em que apresentou esses pratos a concurso perdeu o direito sobre eles, uma vez que *“passam a vigorar numa lista eventual da “Inter Magazine”*. Ainda assim, no Restaurante Rainha, onde está *“há já algum tempo integrado numa equipa que pretende relançar esta Casa”*, o Chefe Alves afirma que todos os pratos da lista são de *“elite”* já que têm o seu *“cunho pessoal”*. E além do famoso *“Rodízio”*, o Chefe sugere: *“Pescada com molho de marisco, Bacalhau à Rainha ou Bacalhau à Lagareiro”*. De criança, quando costumava fazer bolos *“sem fermento”* umas vezes e outras onde *“não punha açúcar”* ou quando assou dois pintainhos que *“até estavam muito bons!”*, ficou-lhe o jeito e agora o Chefe Alves só *“desejava ser um cozinheiro famoso”*. Porém, não ambiciona ser o melhor do mundo mas... *“se algum dia o fosse, nunca deixaria de ser a pessoa humilde que sempre fui, sou e serei”*, garante. 

mogofores 2002 encontro anual

a direcção

Realizar-se-á no próximo dia 30 de Junho de 2002 (último domingo de Junho), como vem sendo hábito, o ENCONTRO ANUAL dos gabelenses, que terá lugar no Parque das Merendas, em Mogofores, Anadia, como início pelas 10h00 e que se prolongará por todo o dia.

Após as boas vindas, seguir-se-á pelas 13h00 a abertura das

merendas, acompanhada por música e farra ao longo da tarde.

Os interessados poderão fazer, na oportunidade, o pagamento das respectivas cotizações.

**APELAMOS À PRESENÇA DE
TODOS.**

VENHAM E TRAGAM UM AMIGO.

**É DIA DE FESTA PARA TODOS OS
GABELENSES.**

cristina sant'ana costa

in "Murmúrios de Búzio"

desejo

Na atmosfera branca do deserto
Prendi o amor, em gestos de entrega.
Coroei sem limite o teu ser
Na excitante espera de te ter.

Nos meus passos um caminhar delicado
É ritual de aventura oferecida...
Nos meus sentidos este reviver festivo,
Acorda silêncios feitos de encanto.

Em louca paixão, algo provável
Acende este amor insaciável
Dum fogo repetido e profundo...

Vai-me enfeitando de flores do jardim
E fica eternamente em mim
Gozando com doçura este desejo.

extrato de conta corrente reportado a 31 de dezembro de 2001

movimentos de receitas

Saldo em 31 de Dezembro de 2000	1.015.650\$50
Quotas de vários anos	453.500\$00
Donativo para Boletim "O Gabelense"...	200.000\$00
Donativos vários.....	16.000\$00
Juros de depósitos	22.497\$00..... 697.997\$00
Soma	1.713.647\$00

movimentos de despesas

Correio	133.953\$00
Expediente	9.585\$00
Aluguer da aparelhagem de som	50.000\$00
Aluguer do Parque das Merendas	50.000\$00
Aluguer das mesas (Dia do encontro)	68.500\$00
Comp. gráfica Boletins n.ºs 8 e 9	110.000\$00
Impressão e acabamento dos Boletins	
"O Gabelense" n.ºs 5, 7 e 9	383.000\$00
5 Livros de recibos.....	12.519\$00.... 817.557\$00
Saldos:	
Em depósitos à ordem	96.090\$00
Em depósitos a prazo	800.000\$00.... 896.090\$00
Soma	1.713.647\$00

As contas referem-se ao movimento da actual direcção e são reportadas ao ano de 2001, com o apuramento do saldo de Esc.: 896.090\$00, comprovado pela prestação de contas da tesouraria.

O Tesoureiro, ass. Acacio Oliveira

O Presidente, ass. Luís Henrique da Silva Carvalho

humor em pedaços

HUMOR AOS PEDAÇOS

por Artur Neto Gonçalves

Uma incursão pelos caminhos da alegria. O melhor livro para férias.

440 páginas. A sair no fim do mês de Maio.

Artur Neto Gonçalves nasceu em Alfaiates, concelho de Sabugal. Foi o primeiro estudante universitário a quem o Governo de Espanha atribuiu uma bolsa, após terminar o curso universitário e foi distinguido com uma bolsa pela Universidade de Montpellier, França.

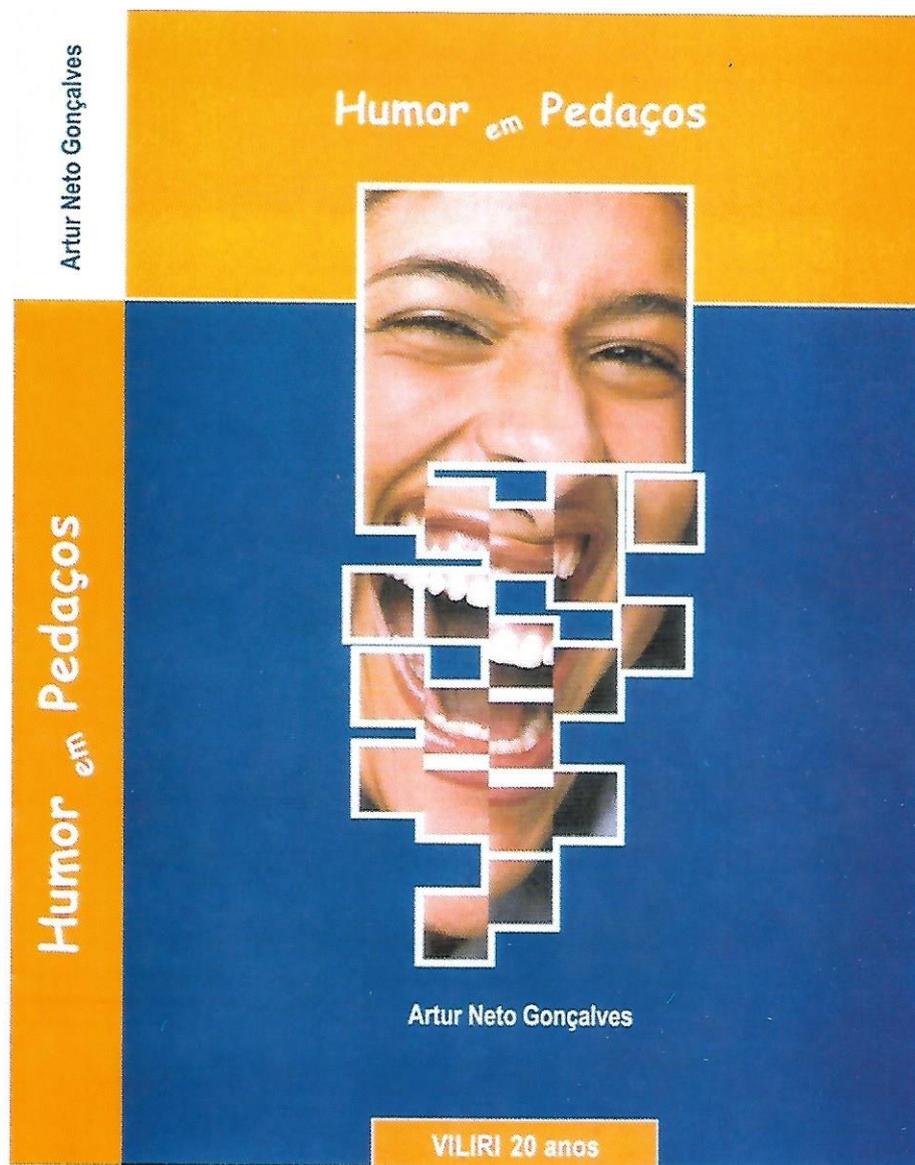
Após a licenciatura, exerceu funções docentes em várias Escolas do país.

Seguiu para Angola na qualidade de professor do ensino liceal, tendo leccionado em vários liceus. Depois do estágio pedagógico, foi nomeado Reitor do Liceu da cidade da Gabela, em Angola.

De regresso a Portugal, veio ocupar o lugar de professor efectivo do Liceu de Queluz, hoje, Escola Secundária Padre Alberto Neto, onde estava desde a sua fundação, embora em comissão de serviço, em Angola. Neste Liceu permaneceu durante 25 anos, na qualidade de professor efectivo, tendo sido nomeado Orientador de Estágio pelo Ministério da Educação, na mesma escola no ano lectivo de 1976/77, ano em que regressou de Angola.

Foi fundador e presidente da Associação de Pais da Escola Secundária Leal da Câmara, em Rio de Mouro.

Ocupou o cargo de director do Centro



Comunitário Paroquial de Rio de Mouro e, na qualidade de membro executivo, pertenceu à Comissão que construiu a nova igreja de Rio de Mouro.

Presentemente, é director pedagógico do Centro de Ensino de Línguas e Informática, IPFEL, homologado pelo Ministério da Educação.

Ao longo da sua carreira de professor, publicou mais de uma dúzia de livros.

Como jornalista, foi director e proprietário do Jornal "Mensagem da Saudade" e, anos

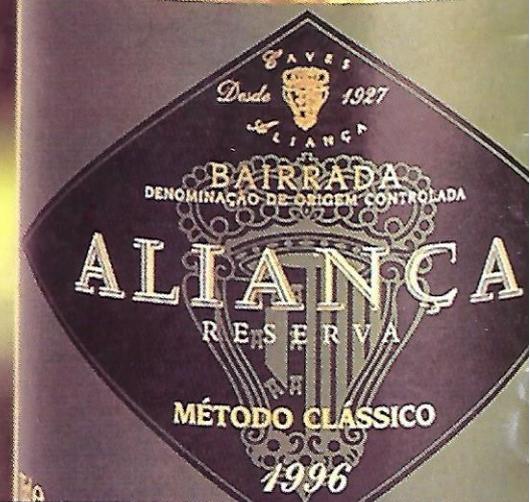
mais tarde, director do "Jornal de Queluz".

Escreve uma crónica mensal de carácter humorístico a que deu o título de VILIRRI, há 20 anos, ininterruptamente: primeiro no Jornal "A Mensagem" e, posteriormente, no "Jornal Amadora-Sintra", onde ocupa o lugar de director-adjunto.

É co-autor e coordenador da obra em vários volumes "As Igrejas de Lisboa", em vias de publicação. 



Das melhores uvas
os melhores espumantes.



Desde 1927 que as Caves Aliança procuram as melhores uvas para conseguir produzir os melhores vinhos... e os melhores espumantes. Toda a gama de espumantes Aliança é criada com o conhecimento e experiência que desde sempre fazem desta casa uma referência de qualidade em Portugal e no estrangeiro. Os nossos espumantes, pela sua leveza e elegância, vão de encontro aos novos gostos dos consumidores mais exigentes.



CAVES ALIANÇA